

7

Considerações Finais: Tipos de *Habitus* Escolar

O que devemos fazer com o conceito de *habitus* hoje? Aprimorá-lo, instrumentalizá-lo e estudar sua aplicabilidade, em vista do potencial que apresenta e que pode fazer avançar as ciências sociais em suas diferentes especialidades: no *habitus* escolar, acadêmico, literário, e em suas relações ao *habitus* profissional, por exemplo.

Na presente investigação, encontramos características de *habitus*, típicos da posição de classe proposta por Bourdieu (2007b), que podem ser associados à origem familiar (capital cultural, social e capital econômico) e às identidades institucionais das escolas frequentadas. Encontramos formas de vivenciar a escolarização com semelhanças e diferenças entre alunos da mesma escola, bem como similaridades entre estudantes da escola pública e da escola privada. Em outras palavras, identificamos e caracterizamos posições sociais e de classe estruturantes das práticas.

Esta investigação permitiu-nos perceber o quanto o comportamento e êxito escolares dos estudantes, seja da escola pública, seja da escola privada, estão associados aos *habitus*, refletidos nas rotinas, atividades diárias e valores familiares. Tudo isso nos leva a crer que pode ser promissora a investigação do *habitus* escolar, objeto recomendado (Brandão, 2009, 2010; Setton, 2002, 2009), mas pouco explorado na pesquisa em educação. É sabido que, em vista da formação de *habitus* escolares específicos e em vista da estrutura e volume de capitais, os diferentes contextos familiares e escolares estimulam determinadas disposições que se refletem nas rotinas, práticas cotidianas e estratégias dos estudantes, que facilitam (ou dificultam) o desempenho escolar. Sendo assim, cabe o retorno da questão: Quais *tipos* de estudantes as escolas têm fabricado? Quais tipos de disposições são efetivamente ensinados, estimulados entre os estudantes?

Recentemente caracterizamos, na perspectiva de tipos ideais weberianos, a presença de diferentes estilos de gestão em escolas de prestígio: a “presença da direção” nas escolas públicas e a “infraestrutura material” e humana nas escolas privadas (Brandão *et al*, 2012). Na presente pesquisa, identificamos a composição de *habitus* (disposições) escolares enquanto características típicas de alguns

alunos atendidos por estas escolas. Na escola pública podemos identificar um esforço de reconversão em vista de uma herança (cultural e financeira) escassa e com a presença de um alto capital informacional que leva os alunos e as famílias a investirem em disposições marcantes: o esforço, o senso de sacrifício, e autonomia e a valorização das práticas escolares. Na escola privada, a prevalência de uma atitude da certeza do futuro escolar, de uma disposição cultural e mesmo blasé no que se refere aos estudos. A certeza da concretização das expectativas educacionais/profissionais proporciona esta atmosfera. É tímida a valorização do investimento familiar em termos de educação escolar e grande o valor concedido às experiências de aprendizagem que envolvem o prazer e estimulam o senso crítico. Entre estes estudantes, as disposições se situam entre uma certeza da reprodução da posição familiar, que desfruta de um ambiente de pluralidade de interesses culturais, e a ambiguidade entre a disciplina e a liberdade. Tais tipos somente podem ser compreendidos no sentido das *homologias*, na medida em que são incomparáveis, pois as disposições – *habitus* escolares – encontram-se modelados em contextos específicos, singulares.

A estrutura da educação escolar sofreu poucas alterações nos últimos séculos. A sala de aula ainda é organizada de forma muito semelhante às salas de aulas dos séculos XVIII e XIX. O professor continua a apresentar conteúdos, recomendar tarefas escolares e propor atividades que requerem disposições e habilidades constituintes de um *habitus* escolar muito semelhante ao requerido dos primeiros estudantes há séculos atrás. Tais exigências até foram amenizadas, por novas abordagens didáticas, com a problematização do contexto social daquele que aprende, através da valorização do saber do aluno, influências que trouxeram significado às experiências escolares. O formato das aulas também foi se tornando mais dinâmico, com a proposição de diferentes tarefas: atividades em grupo, trabalhos de campo e outros exercícios menos voltados para a memorização e com maior estímulo ao desenvolvimento da interpretação e resolução de problemas. No entanto, ainda são requeridos para o aprendizado na sala de aula: atenção, organização, memória, escuta, atitude questionadora, argumentação, cultura geral, entre outros aspectos menos valorizados em alguns contextos, como a subordinação em um sentido de obediência e acato. Isso porque, pode ser até mais fácil para alguns, mas não possível para todos, aprender sem estar em uma postura de escuta, sem se encontrar em um estado mínimo de

atenção. Após apreendidos significados, conteúdos e informações, é chegado o momento do questionamento, da dúvida, de apuração do senso crítico. Sabe-se que os momentos deste processo não são sequenciais, pois os estudantes trazem consigo diferentes experiências e saberes, que influenciam seu aprendizado.

Mas, para além deste comportamento na sala de aula, é necessário, rever o que foi aprendido, aplicar teorias e conceitos, exercitar, ler, reler, atitudes para as quais se fazem necessárias as habilidades que citamos, além de tantas outras, que podem se agrupar em um conjunto de características típicas de um bom *gerir acadêmico*: estruturação da rotina, disciplina, administração dos horários, pôr em ordem o material escolar, ter uma agenda. Outras ações são ainda requeridas constantemente implícita ou explicitamente pelos professores: ser curioso, teimoso, no sentido de persistir em determinados exercícios que aparentam não ter solução, registrar tudo o quanto for possível (o que está disposto no quadro-negro, o que o professor falar, além das dúvidas “importantes” dos colegas). Tudo isso ocorrido dentro de uma rotina, que deve permanecer firme e constante. Vimos que muitos meninos e meninas das escolas investigadas apresentam em diferente grau muitas destas características, alguns deles apresentam quase todas, demonstrando um perfil acadêmico que podemos rotular como robusto, vigoroso. Outros estudantes apresentam apenas algumas destas disposições, “sobrevivem” na escola, dão conta das tarefas, “vão levando”.

Ao inventariar habilidades, hábitos, desembaraços e rotinas, podemos contextualizar a importância e o alcance do aprendizado destas disposições escolares. Convém lembrar sempre que não é somente a família, nem tampouco apenas a escola, as instâncias sociais que influenciam o aprendizado destas disposições, a mídia e uma ampla cultura juvenil (livros, filmes, séries de televisão, etc.) estão imbricadas nas experiências escolares destes estudantes. *Então, como podemos garantir o aprendizado de disposições escolares mínimas? O que deve estar por conta da família? O que deve estar por conta da escola?* Estas são perguntas comuns envolvidas nos dilemas que discutem as fronteiras da escola e das famílias no ensino.

Nesta investigação vimos que há uma relação com a escolarização fortemente marcada pelas expectativas familiares. Além disso, percebemos em diferentes níveis na escola pública e na escola privada, ajustes da escola às

condições objetivas das disposições familiares e ajustes das famílias às propostas pedagógicas e condições das escolas.

A investigação sobre os *habitus* escolares levou-nos a indagar sobre qual aluno queremos formar e sobre a importância da escola ter mais informações sobre as famílias. Sabemos que, no caso das escolas públicas especialmente, sabe-se muito pouco sobre as rotinas e valores familiares, e muito pouco sobre a origem, profissão dos pais e outros tipos de informações que seriam úteis e importantes para o trabalho pedagógico. Ao saber mais sobre a vida dos alunos com e a favor das disposições, inclinações e habilidades, pode ser possível agir de forma a ampliar e potencializar tais aspectos. A programação de atividades na escola (a reunião de pais é um bom exemplo) e a recomendação de tarefas escolares podem apresentar maiores chances de êxito, na medida em que se tem conhecimento sobre as rotinas domésticas dos alunos, por exemplo. Neste sentido, informações sobre o ambiente familiar são úteis, se leva ao conhecimento do quanto o aluno está exposto a uma atmosfera estimulante do ponto de vista escolar. Ainda que de forma aproximada, este conhecimento seria um termômetro importante para agir pedagogicamente e de maneira mais programada sobre problemas e conflitos envolvidos no processo educativo, que seja comum a alunos e famílias que apresentam posição social semelhante. Se colocado como um slogan, poderia ser assim descrito: ao conhecer o aluno que temos, podemos formar o aluno que queremos. Neste sentido, há que se pensar sobre quais disposições são estimuladas na escola. Quando a escola só esta focada somente nos conteúdos, o que é alcançado? Quando a escola estimula o senso crítico, o que está oferecendo aos alunos? Afinal, o que a escola está oferecendo?

Nestes termos, a discussão sobre a inclinação reprodutiva da instituição escolar parece jamais perder a importância. Seriam todas as escolas *demônios de Maxwell*⁷⁷, como propôs Bourdieu (1996: 36-37)? Sabemos que a escola opera uma seleção entre os alunos dotados de diferentes volumes e estruturas de capital cultural. As aptidões, gostos e habilidades são inseparáveis das condições de origem social e desta forma se reproduz a desigualdade. Na escola pública investigada, percebemos que, ainda que os alunos apresentem baixa herança

⁷⁷ Bourdieu faz alusão à imagem utilizada pelo físico Maxwell para ilustrar a segunda lei da termodinâmica. O físico imagina um demônio que faz a triagem das partículas mais e menos quentes em movimento, as mais rápidas se deslocam para um espaço onde a temperatura se eleva e as mais baixas para onde a temperatura está mais baixa.

cultural (escolar), está presente (por parte da escola e das famílias) o estímulo às disposições que potencializam o bom desempenho escolar. A escola privada, por sua vez, está objetivamente preocupada com o ensino de algumas disposições intelectuais, políticas, e capitaliza ainda mais os alunos dotados de alto capital cultural. Mesmo sabendo que as escolas podem funcionar mais ou menos como *demônios de Maxwell*, sigamos investigando a fim de compreender os limites, ampliando sua capacidade e alcance em estimular e agir sobre estas disposições.